

DO EQUÍVOCO CHISTOSO, INTERPRETATIVO

Jacques Laberge¹

Dos meus muitos anos de analisante, não tenho memória de algum de meus analistas recorrendo ao equívoco chistoso interpretativo. Sei que, a partir de 30 anos de idade, a memória já começa a voar mais baixo e que, nesta altura da vida, às vezes, devo me contentar com vôos rasantes.

Em várias ocasiões, Lacan destaca a tríade freudiana *A Interpretação dos sonhos*, *A psicopatologia da vida cotidiana* e, diz ele, “a terceira obra fundamental sobre o inconsciente”, *O Chiste e sua relação com o inconsciente* (Vol. VIII, Rio, Imago, 1969) (*Der Witz und seine Bedeutung zum Unbewussten*, Gesammelte Werke, Frankfurt, Fisher, 1978, vol. VI) (E. 508). Uma de suas críticas mais específicas à IPA: o desinteresse pelo “chiste”. (Ler “O engano do sujeito suposto saber” de dezembro de 1967, AE,330). Sem dúvida, uma dita “seriedade” do analista teria menosprezado o chiste. Ora, o ensino de Lacan não deixa de ser um convite a substituir o analista que se toma a sério pelo analista que toma o equívoco, o chiste, a sério. Uma redescoberta do texto freudiano vai permitir a Lacan promover uma clínica do equívoco. Parte de Freud, e, radicalizando a interpretação pelo equívoco, se afasta de um certo tipo de interpretação do analista Freud. O recurso ao equívoco seria mais apto a operar o corte no gozo, no gozo masoquista, “o maior do gozo que dá o real” (*Le Sinthome*, 20.02.76).

Para Lacan, “a essência do chiste (*trait d’esprit*) [...] reside em sua relação a uma dimensão radical, ligada essencialmente à verdade”. (S5, 6.11.57, p.25). Freud não deixa de sublinhar a importância decisiva do chiste abrindo brechas de verdade. Para conseguir este fim, o chiste se confronta com diversos obstáculos nomeados assim: inibição, repressão, trabalho da cultura, recalque, crítica da razão, censura, resistência interna, obstáculo externo. (GW.VI, 110,131-133, Br. 101,117). E a ação do chiste se expressa nos termos: aliviar (*erleichtern*), se proteger (*schützen*), descartar, afastar a

¹ Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: jacqueslaberge1@gmail.com.

atenção consciente, promover o pensamento (GW.146-151; Br. 126-130). E há uma grande aliada do chiste, a “*Aufhebung*”, a suspensão (GW.147, 151, 154, 172, 147 Br. 127, 130,132).

O chiste tem em alto grau “a característica de uma ocorrência involuntária” (*ungewolten ‘Einfalls’*) (GW.191 Br. 158) no atravessamento pelo inconsciente de “um pensamento pré-consciente” (GW.189, Br. 157) (GW.193 Br. 159-160). O equívoco podendo ser chistoso ou não perpassa o discurso do analisante. Freud sublinha os tantos pagamentos (*Raté*), tantos ratos (*Rate*), do analisante enrolado nas dívidas de jogo do pai (*Spielratte*) (GW.VII, 430,433). E não esqueçamos as letras no sonho do aluno terrorizado do Sr. Wolf (lobo): “um homem arrancava asas a uma *Hispa*”. “Vespa?” pergunta Freud (e o analisante: “Mas hispe, sou eu, S.P.” GW.XII, 128).

Do escrito sobre o chiste, algo me impressionou mesmo: o grande número de técnicas. Onze. Duas técnicas na condensação: com formação de palavra composta, com modificação. No uso do mesmo material, quatro técnicas: como um todo e suas partes, em ordem diferente, com leve modificação, com sentido pleno e sentido esvaziado. E cinco outras técnicas debaixo do título “duplo sentido”: significado com um nome e uma coisa, significados metafórico e literal; duplo sentido propriamente dito (jogo de palavras); duplo entender; duplo sentido com uma alusão (GW.42.Br. 48). Não dá para escapar ao chiste.

No Seminário “As formações do inconsciente, Lacan afirma: “O chiste perpassa tudo o que estou atualmente contando logo que falo, pois falo no duplo registro da metonímia e da metáfora”“. O pouco de sentido e o passo-de sentido (pas-de-sens) estão o tempo todo se entrecruzando (11.12.57, p.117).

Então, é praticamente impossível ao analisante, Lacan ou qualquer outro analisante, usar a chamada associação livre sem encontrar pelo caminho ou provocar no analista alguma das 11 técnicas referidas por Freud. Haveria inibição do analista em tomar o chiste a sério e aproveitar de uma dessas inevitáveis onze vias ?

CHISTE DO ANALISTA FREUD?

“A elaboração do chiste não está ao dispor de todos e apenas alguns se distinguem no uso do chiste (*auszeichender Weiss*). Há “cabeças espirituosas” (*witzigen*

Köpfen), algo diferente da inteligência, da fantasia, da memória (GW.156 Br. 135). Estas observações de Freud nos levam a perguntar: é possível um analista sem “cabeça”... sem “cabeça espirituosa”?

Em nota na metade do capítulo VI, lemos: ”Muitos de meus pacientes neuróticos, em tratamento psicanalítico (*Viele meiner neurotischen, in psychoanalytischer stehenden Patienten*), demonstram regularmente o hábito de confirmar, algum fato pelo riso (*pflügen regelmässig durch ein Lachen zu bezeugen*), quando consigo dar-lhes um quadro fiel de seu inconsciente, ocultado à percepção consciente (*das es gelungen ist, ihrer bewussten Wahrnehmung das verhüllte Unbewusste getreulich zu zeigen*); riem mesmo quando o conteúdo desvelado não justifica absolutamente o riso (*und sie lachen auch dann, wenn der Inhalt des Enthüllens es keineswegs rechtfertigen würde*). Tal fato sujeita-se, naturalmente, a uma aproximação do material inconsciente íntima bastante para captá-lo, (*Bedingung dafür ist allerdings dass sie diesem Unbewussten nahe genug gekommen sind, um es zu erfassen*), depois que o médico o detecta e o apresenta a eles, (*wenn der Arzt es erraten und ihnen vorgeführt hat* (GW.194 , Br. 160-161) .

O analisante ri, diz Freud, “quando consigo”. Tradução errada, pois o “es gelungen” diz: “foi conseguido”. Não é o eu de Freud, mas o “es” do analisante provocando algum “dizer” do analista. Um dizer “Outro” que escapa ao analista. Trata-se de “Um quadro fiel” do inconsciente do analisante ou de um chiste da parte de Freud? É curiosa a afirmação que o analisante ri sem justificativa. Freud negaria seu próprio chiste? O analisante ri porque é besta? Para o prazer do chiste (Witzelust) (GW.131) (Br. 115), as possibilidades do gozo (*Genussmöglichkeiten*) (GW.11, Br.101). Freud deve ter lhe dado algum motivo chistoso.

LACAN: CHISTE E POÉTICA NA INTERPRETAÇÃO

O chiste recebeu de Freud uma importância decisiva. Não interessou o analista dito sério. Isso provocou Lacan a privilegiar o equívoco, criticar o “obscurantismo” dos “institutos de Psicanálise” e reconhecer “no Witz de Freud, a própria articulação do inconsciente” (14.12.67, AE 330). Chama “os jogos de palavras”, “a chave da psicanálise” (Conferência em Roma, 29.10.74) (*Lettres de l'École*, 16, p.23). E na lista das disciplinas designadas por Freud para “uma ideal faculdade de psicanálise”, Lacan

acrescentaria esta “ponta suprema da estética da linguagem: a poética, que incluiria a técnica, deixada na sombra, do chiste”. (Função e campo 1953, E.288). “A experiência psicanalítica [...] maneja a função poética da linguagem para dar a seu desejo sua mediação simbólica”. (F. e Campo, E. 322) Freud reconhece a analogia entre sonho e poesia. A Lacan, o mérito de destacar o parentesco entre chiste e poesia, o chiste incluído na poesia.

Fala da superioridade do poeta (E.22), cita “Mallarmé (E.251), Jorge Luis Borges (E.23), *Joyce a letter, a litter* (E.25), Raymond Queneau, “poeta” e seu “espírito especialmente dançarino” (11.12.57, p.108). Evoca o desejo, com “The ecstasy” do poeta inglês John Donne, (Nov. 1958, *Le désir et son interp.*) . Toma emprestada “a voz do poeta” Germain Nouveau (1851-1920) (Bruxelles, mars 1960), *Revue Quarto*, no 50,1992). E não esquece Rimbaud, Poe, Baudelaire (E.548), Aragon (Sem.XI), Eluard e sua “poesia involuntária” (termo freudiano a respeito do chiste) (*De nos antécédents*, E.66). E em oposição ao não-poeta Scheber, coloca João da Cruz, Proust, Gerard de Nerval: “Há poesia cada vez que um escrito nos introduz a um mundo outro do que o nosso [...] nova ordem de relação simbólica ao mundo”. (11.01.1956 pp 90-91, *As Psicoses*).

Em “A instância da letra” de maio 1957, “A faísca creadora da metáfora” no sentido produzido no não-sentido, dá lugar ao “termo por excelência”, “o significante espiritualoso (E 508). “Produz-se um efeito de significação que é de poesia ou de criação (E 515). Este texto termina com as afirmações: “o sintoma é uma metáfora” e “o desejo é uma metonímia” (E. 528). E sem participação da metáfora e da metonímia, “nenhuma sanção do chiste” esta “espécie de tropeço (achoppement), de ato falho [...] ordem do puro e simples lapso (“*As formações do inconsciente* 13.11.57 e 20.11.57 p. 51). Chiste, “lapso calculado”, lemos em *Télévision de 1972*.

Freud destaca o “sentido no não-sentido”, p.85 (GW.VI,p.155, Sinn-Unsinn) e evoca o “raio”, p.86 , a “surpresa” (4 dec 57 p.92 e 99). Ao não-sentido, Lacan prefere o apagamento, a redução de sentido, e equivoca com o termo sugestivo “dé-sens” (décence, decência). Mas sublinha mesmo o pouco-de-sentido (*peu-de-sens*) abrindo para o *pas-de-sens*, na ambigüidade do pas em francês, não ou passo. (4 dec 57,p.97)

Em vários textos lacanianos, insiste a associação do chiste, do equívoco, à poesia. Certas afirmações sobre o equívoco e interpretação são retomadas a respeito da

poesia: “só temos isso como arma contra o sintoma: o equívoco”. [...] É unicamente pelo equívoco que a interpretação opera. É preciso que haja algo no significante que ressoa (*Le Sinthome*, 18.11.75) “O que se diz a partir do inconsciente participa do equívoco, do equívoco que é o princípio da tirada espirituosa” (11.01.77).

“A poesia que é efeito de sentido, mas também efeito de buraco. Não há senão a poesia, já disse, que permita a interpretação. E é nisso que não consigo mais, em minha técnica, que ela se sustente. Não sou bastante poeta. Não sou poeta bastante (poâtassez)”.

Nesta citação de “L’Insu” (17.05.77), e, a respeito de Rimbaud, em “A terceira” (*La troisième*) (01.11.74), Lacan pronuncia “poâte” (Lettres16,p.196). Hâte, pressa. Em 1979, após afirmar que Joyce queria o fim da literatura: “Ele corta o sopro do sonho, que se arrastará bem um tempo. O tempo que se dê conta que só se sustenta na função da pressa (Hâte) na lógica” (“Joyce o Sintoma”, AE, 570). Poética ou chistosa, a pressa evoca o raio, o curto-circuito em Freud. E Lacan se permite lampejos equivoco-poéticos sobre o rio Sena (*La Seine*) de Paris: ‘sob a ponte Mirabeau, corre a cena primitiva’ “la scène primitive” (1971 AE p.19). “Não sou poeta, mas um poema. E que se escreve, embora pareça ser sujeito. (17.05.76) AE.572).

Em *R.S.I.* (10.12.74), os “dignos do nome de analista” operam “sempre” pelo “equivoco fundamental” ao Simbólico, reduzindo o sentido sustentado pelo Imaginário. Pertencendo ao real do desencontro e do gozo masoquista, o sintoma não deixa de ser cheio de sentido. “O analista, ele, corta. O que diz é corte, isto é, participa da escrita. [...] Equivoca sobre a ortografia. Nem no que diz o analisante, nem no que diz o analista, há outra coisa do que escrita” (*Moment de conclure*, 20.12.77). O Sintoma “pode se traduzir por uma letra” (21.01.75). “A repetição do sintoma é [...] escrita” (21.01.75). “O sonho, [...] o lapso, e mesmo o chiste se definem pelo legível. (M.conclure,10.01.78). O analista corta. “Elevar a psicanálise à dignidade da cirurgia, por exemplo, é o que seria desejável” (M. Conclure, 11.04.78). Faciliaria a queda do objeto *a*.

E em *L’Insu* (17.05.77) a estranha pergunta “Por que a psicanálise orienta [...] para as lembranças da infância? Por que não a orientação para o parentesco com algum “poeta”, um “poeta” entre outros, qualquer um”. Com o não sabido que sabe, *l’Insu que sait*, “isso equivoca” (16.12.76) o insucesso de algum tropeço, é a asa do adivinhamor,

“s’aile la mourre”, Lacan diz tentar introduzir algo “mais além que o inconsciente”. É a poesia o além do inconsciente? Inventa novas homofonias, modo James Joyce, da “obscenidade” à “Aub(r)scena”, a Outra cena freudiana. (18.04.77), do real não matéria mas “alma-a-tres” (*L’âme-à-tiers*), o discurso, diz que socorre (dis qui secourt) (11.01.77). Vários modos de ilustrar a procura do significante sem sentindo como o real e que “teria um efeito” (15.03.77 e 17.05.77). ”Por que não se inventaria um significante novo? [...] Não é que não tentamos. É mesmo nisso que consiste o chiste”, 17.05.77.

A poesia “se funda precisamente sobre esta ambigüidade”. Lacan chama o S2 de duplo sentido (15 .03.77). Ir além do inconsciente na aliança equívoco-chiste-poesia, isso Freud não conseguiu. Lacan o questiona por ter “pouca idéia do que era o inconsciente . “Não sabe “ali fazer “ (11 jan 77), “o que diz do inconsciente não é senão confusão (*embrouille*) e conversa incoerente (*bafouillage*) . Lacan não se conforma por Freud referir-se sempre ao eu e ao isso e nunca ao “ele” (*lui*), sujeito mdo inconsciente (18.04.77).

“O que diz o analista tem efeitos”. “A transferência desempenha ali um papel” Mas “um número demasiado grande de analistas tem o costume de ficar de boca fechada” (11.02.75). Não recorrem ao equívoco, menos ainda ao chiste. Um dizer que poderia ter consequências, se os analistas diziam algo, fora de conversa fiada (*ragots*), é um fato que não dizem nada (18.03. 75). Se não usarem o equívoco, o chiste, perigam ficar na conversa fiada”.

E “Le moment de conclure” de 77-78: “ A análise não consiste em se liberar de seus sintomas. [...] A análise consiste em saber porque se está nisso atrapalhado (empêtré)[...] Há, entretanto, um progresso, na análise – a análise consiste em se dar conta do porquê se tem estes sintomas. De modo que a análise é ligada ao saber. (10.1.78)

RESSOAR REMETE AO REAL DO SOM

A partir de François Cheng, e seu livro *L’écriture poétique chinoise* (Paris, Seuil, 1977), “o sentido tampona”, sublinha Lacan, mas “a escritura poética” dá a dimensão “do que poderia ser a interpretação psicanalítica”. Os poetas chineses não são

reduzidos à escrita, pois “eles cantarolam, eles modulam”. “É enquanto uma interpretação justa apaga um sintoma que a verdade se especifica de ser poética.” Embora reconheça deslizar ocasionalmente para a lógica articulada, para “sentir o alcance de nosso dizer” , trata-se de “uma outra ressonância a fundar sobre a tirada espirituosa” que “não se sustenta senão de um equívoco” (*L'Insu*, 18.04.77). A ressonância: há “algo no significante que ressoa”, lemos em *Le Sinthome*.

Em um grupo desses chistes (jogos de palavras), escreve Freud, a técnica consistia em focalizar nossa atitude psíquica em relação ao som da palavra em vez de seu sentido (*Wortklang anstatt auf den Sinn des Wortes*), a representação acústica em lugar da significação) *die akustische Wortvorstellung selbst an Stelle ihrer durch Relationen zu den Dingvorstellungen gegebenen Bedeutung*). Estados patológicos [...] atribuem efetivamente maior proeminência a esse tipo de representação fônica da palavra (*Wortklangvorstellung*) que a sua significação (*Wortbedeutung*) (GW.134 Br 117).

Em “A instância da letra” de 57, os termos de “polifonia” e “partições” destacam a musicalidade da poesia (E 503). A escanção feita pelo analista de uma palavra do analisante tem efeito pelo equívoco, chistoso e/ou pelo real do um som de voz. Som outro da voz do analista. “Uso das palavras” “ou somente sua emissão (*jaculation*)”, podemos nos perguntar a partir do *R.S.I.* (11 fev. 1975) .

Ressoa. Algum real musical? As constantes mudanças de letras produzindo equívocos, às vezes chistosos, as encontramos em Joyce, esse que vai além da literatura até a letra. Mas predomina algo mais próximo de “lalangue” do que da articulação metáfora-metonímia. Por exemplo, ele repete sistematicamente a mesma consoante pa/pe/pi/pó/pu onde predomina o ritmo, a batucada. Além de mudar letras, Joyce faz ressoar o som de milhares de canções populares permeando seu texto. *Finnegans Wake* é mistura de literatura e de música”? pergunta-lhe Terence White Gervais. Joyce responde: “Não, é pura música” (Ellmann 703).

Um dia privilegiado para minha formação permanente de psicanalista, é o dia de leitura de uma única página de *Finnegans Wake*. Estamos na página 20. No atual ritmo, em 2023, vão sobre muito mais páginas do que anos de minha vida!